

**“DESTINO DE ESCRITOR É DESTINO VARIO”: PROJETOS, POLÊMICAS E BOEMIA NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE VIRGÍNIUS DA GAMA E MELO**

Laércio Teodoro da Silva

Doutor em História pelo PPGH-UFPE

laercio-teodoro-historia@gmail.com

Na memória da cultura paraibana um nome emerge trazendo consigo uma multiplicidade de representações e ensejando vários sentimentos: Virgínius Figueiredo da Gama e Melo. Dificilmente um leitor encontrará seu nome acompanhado apenas de uma designação profissional ou pessoal. Era o professor, o escritor de ficção, o crítico literário, o roteirista, o cronista. No pessoal, era o humanista, o sujeito que não tinha inimigos, o boêmio, o rebelde, o personagem que se vestia de forma peculiar e que carregava um ar solitário. Imagens que se cristalizaram nas memórias laudatórias de seus amigos e familiares e que foram difundidas em homenagens e obras biográficas. Memória que naturaliza a trajetória de Virgínius da Gama e Melo como sujeito destinado a ser um ilustre intelectual.

Virgínius Figueiredo da Gama e Melo foi um advogado e escritor paraibano. Nasceu em 19 de outubro de 1923, na capital, então cidade da Parahyba, e pertenceu a uma família de governadores e senadores, fato que marcou de forma conflituosa a sua vida. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, mas pouco atuou na área. Passou a ganhar notoriedade escrevendo para periódicos de Pernambuco e da Paraíba, além de colaborar esporadicamente com jornais de outros estados. Era possível encontrar até meia dúzia de artigos diferentes de Virgínius publicados diariamente por jornais diferentes por todo o país. É seguindo as representações e vestígios deixados por esse *homem de letras* que o presente trabalho se propõe analisar as problemáticas que emergem das biografias e escritas de si de Virgínius. Atentar para as representações que foram construídas em torno desse sujeito, bem como a sua própria escrita sobre si, permite decompor sua trajetória, compreender a construção de uma escrita de história de vida e a construção do sujeito intelectual e suas representações.

Tal imagem de *intelectual consagrado* não se obtém da noite para o dia, principalmente num campo marcado por tradições, nomes firmados e disputas. Tal investidura é fruto de processos históricos. Entender a consagração dentro de um campo enquanto um

processo indefinido dentro da trajetória de um sujeito vai de encontro à visão cristalizada que se tem em torno de Virgínius. A consagração obtida em vida foi sendo galgada em diferentes momentos de sua trajetória, não surgiu com seu nascimento, e envolveu jogos de interesses, disputas, embates e concessões. Nem sempre Virgínius recebeu como tratamento o epíteto de *crítico renomado, intelectual consagrado*, ou congêneres que o destacavam no cenário literário.

Nesses processos de consagração imbricam-se a vida e a glória póstuma do escritor. O próprio Virgínius da Gama e Melo, ao refletir sobre o poeta paraibano Pereira da Silva, primeiro paraibano a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, sua consagração no início do século XX e o silenciamento do seu nome no decorrer do século, ajuda-nos a refletir sobre os destinos dos homens de letras:

Destino de escritor é destino vário. Mutável em vida e também mutável em glória póstuma. Muitos, a vida inteira não são conhecidos – só a morte os revela. Outros possuem extraordinário prestígio em vida, grande favor do público, e o tempo faz cinzas de sua obra como a morte lhes fizera antes aos corpos. Há também os que ressuscitam, às vezes subitamente e como um vendaval, um relâmpago, durando um só instante. Outros têm ressurreição mais demorada, permanecem mais longamente. (LITERATURA E VIDA. 24 de julho de 1964, p. 6)

Virgínius da Gama e Melo refletia um exemplo em específico, a do poeta Pereira da Silva, que em vida experimentou a glória, mas no tempo de Virgínius pouco se falava nesse poeta paraibano. Porém, o crítico também entendia esse processo de projeção do nome de um autor, como também o seu apagamento, como parte da lógica do campo literário. E como integrante deste campo, estaria envolto nesta dinâmica.

A consagração de sua figura em vida e de sua memória póstuma é fruto de um investimento que envolve sujeitos e seus interesses, sendo o próprio Virgínius personagem central desse processo. A compreensão desses sujeitos históricos em sua complexidade passa pela investigação do espaço no qual ele se inseriu e as operações que envolvem a construção de seus agentes, suas ações e os bens simbólicos do campo. Luigi Bonafé coloca que “o historiador que se depara com este tipo de ‘canonização’ deve compreendê-lo como construção histórica, desvelando operações mnemônicas e suas formas de enunciação” (2008,

P. 17). O autor ainda coloca que tratar os heróis como construções históricas, perseguindo “os atores que promoveram sua consagração” – e, aqui, entende-se Virgínius da Gama e Melo como protagonista desse processo –, identificando “os vários momentos em que sua figura mitológica é imbuída de significados e analisar as mutações que sofrem ao longo do tempo são procedimentos típicos daquilo que se tem chamado de ‘nova história política’” (BONAFÉ, 2008, p. 22). É dentro dessa seara que se enquadra a “História Intelectual”, que se tornou ao longo dos anos um campo histórico autônomo, mas que está “situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232). Essa perspectiva emergiu principalmente “devido ao papel desempenhando por eles [os intelectuais] sobretudo a partir de 1945” (SIRINELLI, 2003, p. 232).

A “nova história política” se articula ao estudo do “campo de produção cultural” para investigar a construção e trajetória do *intelectual* a partir de sua inserção e relação com o campo e seus agentes, dentro do contexto econômico, político e social, desnaturalizando, assim, o “destino manifesto” ao qual Virgínius estaria predestinado. Partiu-se da perspectiva de que o termo *intelectual* é amplo e varia junto com as transformações da sociedade. Para compreender o caso de Virgínius, a partir de invariáveis, “fechou-se a lente”, como propõe Sirinelli (2008, p. 243), a fim de não engradar esse sujeito em definições pré-estabelecidas e, assim, compreender o intelectual na “periferia” e as representações dessa figura política feitas pela sociedade e pelo próprio campo intelectual. Seguindo essa perspectiva, é possível compreender os mecanismos de consagração a que esses sujeitos lançam mão e conceber o próprio intelectual como agente desse processo, que busca compreender o espaço, sua dinâmica e regras, a fim de conquistar lugar de destaque e propor reconfigurações a partir das posições conquistadas, dentro de um momento histórico que redimensiona essa personagem dentro da sociedade brasileira.

Virgínius da Gama e Melo é concebido a partir de um cenário complexo, o que Pierre Bourdieu denominou de *campo de produção cultural*. A noção de *campo de produção cultural* é tomada de forma abrangente por entender que, no contexto analisado, comporta a relação entre literatos, artistas e intelectuais. Logo, esse campo abrangente pode se referir, dependendo do olhar, ao campo artístico, literário ou intelectual, porém, todos trazendo a noção de campo como uma rede de agentes e bens que atendem às especificidades objetivas

que regem as relações dentro do próprio campo. Como veremos, Virgínius transitou por diversos espaços, bem como concentrou em torno de sua figura agentes de diversos campos. Além das inúmeras práticas e saberes que desempenhou. Seja ele literário, intelectual ou político, entre outros, os campos são vistos como espaços de disputa de poderes, com ritualizações próprias e com a capacidade de construir discursos de verdade. Os campos possuem semelhanças uns com os outros, mas cada qual possui suas especificidades e autonomia e devem ser vistos em constante reestruturação.

O *campo de produção cultural* é marcado por disputas em torno de legitimidade e “guerras de representações”. Segundo Chartier, representações são “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17). Por meio dessas representações, é possível compreender as diversas relações dos agentes e suas posições no campo, além de se ver como se configuram as lutas simbólicas interiores do campo literário. Entende-se os artefatos, escritos e demais obras produzidas pelos próprios agentes como os meios pelos quais há a produção e reprodução de um “discurso autorizado” dentro do campo, nos termos de Bourdieu (1996<sup>a</sup>), que funciona como elemento de legitimação de práticas e representações dos agentes e seus grupos e instituições que compõem o campo. A escrita de biografias entra nessa seara. Escritas pelos próprios agentes, visam construir lugares de destaque para seus pares dentro da história do próprio campo, relegando a outros o silenciamento ou um pequeno pedaço na historiografia. As biografias que se colocam como falas autorizadas, por partirem, principalmente, de pessoas que conviveram com o escritor, constroem, dentro de seus objetivos específicos, uma imagem de um sujeito múltiplo em seus talentos de homem de letras. Porém, recaem numa *ilusão* da personagem sem contradições enquanto figura humana.

Os agentes se materializam por meio da crítica literária (gênero do qual Virgínius foi representante), pelos prefácios, pelo mercado editorial, pelas obras memorialísticas, biografias e estudos que analisam as obras do autor. Virgínius se torna protagonista desse processo por meio de uma *escrita de si*, que se expressa pelos escritos autobiográficos, currículos que elaborou, o “arquivo do eu” que desenvolveu, pelas obras que escreveu e pelas redes que construiu ou nas quais se inseriu. São construções que são retomadas e reelaboradas incansavelmente no decorrer dos anos.

### A ilusão (auto)biográfica

Um dos passos para compreender tal personagem histórica, sobre a qual há uma memória oficial, é decompor o seu perfil biográfico, fazendo-o dialogar com a *escrita de si*, ou seja, com a autorrepresentação construída pelo próprio Virgínius, e com as fontes até então “esquecidas”, o que possibilita entender o “destino vario (*sic*)” do escritor, em vida e na “glória póstuma”. Essas representações eram parte do processo paulatino de consagração do mesmo.

Até 1961, Virgínius da Gama e Melo não era referenciado como intelectual ou crítico renomado. O próprio escritor, atento ao momento, soube canalizar a crítica em torno de si e a construir uma identidade intelectual. Neste processo de decompor o perfil autobiográfico, atenta-se para a escrita de Virgínius, buscando esmiuçar a *escrita de si*. A visão que construiu de si está nos vestígios que deixou: cartas, objetos, documentos pessoais, currículos. Inúmeros objetos reunidos durante a vida e que podem ser vistos como a construção de um arquivamento da própria vida (ARTIÈRES, 1998). São representações que incidiram nos necrológios e nas biografias, mas que, nas mesmas, são apresentadas como dados atemporais, verdades absolutas. Nesse processo, cruzam-se dois tempos de escrita sobre a personagem, o tempo de vida e o tempo póstumo e, procura-se nelas, compreender a construção da imagem de Virgínius da Gama e Melo, o que sabemos dele e como sabemos.

As imagens propagadas de Virgínius da Gama e Melo, como defendido, são frutos não apenas das representações construídas pelos seus amigos, familiares e biógrafos. A construção de sua autoimagem é central nesse processo. Sob a perspectiva da *Escrita de si* (GOMES, 2004) é possível atentar para a capacidade performativa do sujeito e, no caso, uma personagem que tem na escrita a sua principal marca.

Em uma carta enviada por Virgínius ao escritor Gilberto Amado, datada de 18 de janeiro de 1961, percebe-se a construção de um autorretrato do escritor. Nela, Virgínius faz um apanhado de sua vida, fala do nascimento e ausência dos pais, da infância, de sua origem nobiliárquica, mas, principalmente, é reveladora da intenção do escritor em ressaltar a sua marginalidade e rebeldia:

Nasci a 19 de outubro de 1923, João Pessoa, de família tradicional, neto de governadores e senadores – Gama e Melo – mas gente empobrecida. Filho único, não cheguei a conhecer mãe – vagas lembranças – perdi-a no primeiro ano de vida. Pai mesmo, pouco conheci. Era telegrafista e não residia conosco, quer dizer aqui em João Pessoa. Fui criado por avô e tias solteironas – tudo isso há de ter concorrido para certa rebeldia ou marginalismo que sempre me acompanhou na vida (MELO, V. G.. [Carta] 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, Gilberto. Nova Iorque. 4f. p. 2).

A carta foi escrita por Virgínius da Gama e Melo como resposta à correspondência escrita por Gilberto Amado. O embaixador Gilberto Amado escreveu à Virgínius após receber um artigo publicado no *Jornal do Comércio* no qual o autor analisava uma obra sua. Diante do entusiasmo em torno das lisonjas de Virgínius, Amado cobrava do escritor uma apresentação, para que o mesmo pudesse conhecer Virgínius de forma mais profunda e, assim, estabelecerem um laço de amizade.

Gomes coloca que, apesar desses espaços de construção e escrita de si serem discursos que “mobilizam a sinceridade como valor de verdade”, não podem “ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas” (2004, p. 21). Há, por exemplo, na escrita epistolar, que foi uma prática presente no cotidiano de Virgínius, a *mise-en-scène* do intelectual, que procura marcar um espaço e a busca de uma identidade. Em vida, Virgínius já experimentava as várias representações que faziam dele: o menestrel, o boêmio, o intelectual ilustre, o sujeito de linhagem nobiliárquica. Talvez diante da abundância de imagens, o escritor buscou na escrita dessa carta, por exemplo, uma estabilidade e sentido de “unidade do eu”, apresentando-se, de uma forma específica e otimizando o desejo de se fazer conhecer.

Para Bourdieu, o relato autobiográfico se baseia na busca de sentido para a própria vida, extraindo uma coerência “ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário” (1998, p. 184). Como fruto de um engajamento pessoal, a sua escrita autobiográfica, produziu um discurso de verdade, retomado constantemente pelos seus biógrafos e outras representações. O nome Virgínius da Gama e Melo também pode ser entendido como instância instituidora de sentidos. Sobre esse aspecto, Bourdieu também coloca que, “por essa forma inteiramente singular de nomeação que é o nome próprio,

institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente” (1998, p. 186).

Nos projetos empreendidos em torno de uma escrita da história de Virgínius, observa-se também a busca de uma unidade de sentido. Seja congregando as múltiplas faces do sujeito, seja realocando tais faces conforme os interesses específicos dos projetos. Nesses projetos se observa o que Bourdieu chamou de *ilusão retórica*, que conforma a busca de um “relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção” (1998, p. 185) sobre a vida de um sujeito. As ideias de que o sujeito sempre teve uma inclinação para as letras ou que a personagem era destinado a ser um grande crítico, esvazia a noção de trajetória e processo.

Na escrita da trajetória dessa personagem, coube analisar tais projetos biográficos e compreender como suas representações passam por uma *ilusão biográfica*. Na escrita das trajetórias intelectuais, mais que conceber uma história em sua linearidade, procura-se compreender os acontecimentos biográficos “como *colocações e deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 1998, p. 190). Neste percurso, cabe observar os movimentos e seus significados. Como coloca o autor:

O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. (BOURDIEU, 1998, p. 190)

Alguns movimentos na trajetória intelectual de Virgínius foram privilegiados. Como reverberou sua saída da advocacia para a literatura? Seu ingresso como docente na universidade? Como se deu os percursos pelas editoras? Quais impactos do Conselho de Cultura na sua trajetória e no campo?

A carta escrita a Gilberto Amado é uma das mais de 1700 correspondências, entre passiva e ativa, recebidas por amigos, familiares, leitores, escritores, políticos, editores e livreiros, que foram deixadas por Virgínius da Gama e Melo e reunidas no seu acervo.

Somam-se a essas centenas de cartas outros milhares de materiais que possibilitam um olhar amplo sobre a trajetória dessa personagem e a prática do arquivamento da própria história, que é concebida como parte de uma *escrita si*. Os arquivos privados são espaços “onde os documentos autobiográficos estão sempre presentes, isto sem considerar que um arquivo pessoal pode ser tratado, ele mesmo, como uma modalidade de ‘produção do eu’” (GOMES, 2004, p.14).

A abundância da documentação que constitui o Acervo Virgínius da Gama e Melo, reunido ao longo de sua vida e hoje sob a guarda da Fundação Casa de José Américo, para além de possibilitar uma profusão de fontes, deve ser entendido como parte de uma autorrepresentação do próprio fazer intelectual.

Entender essa profusão de fontes deixadas pelo escritor ajuda a problematizar a natureza das mesmas bem como as intencionalidades em torno das produções. Malatian ainda sugere que a “inserção pública destacada são produzidas e conservadas com conhecimento de sua importância enquanto fontes biográficas” (2013, p. 202). O entendimento sobre tal acervo deve ser circunscrito sobre as intencionalidades do sujeito em conservar registros da própria vida e a *imagem de si* que desejou propagar para o futuro. E, ainda como coloca Arlette Farge, o acervo não deve ser encarado como espaço onde o historiador vai encontrar a verdade, mas discursos que trazem elementos do real, e que, “por sua aparição em um determinado momento histórico, produzem sentido. É sobre sua aparição que é preciso trabalhar, é nisso que se deve tentar decifrá-lo” (2009, p. 35).

Virgínius não deixou nenhuma obra escrita como autobiografia, nem há indícios diretos, rascunhos, por exemplo, de que planejava escrever suas memórias. Todo o material que reuniu em vida, organizando em pastas, estantes, fichários e que dizem respeito a sua história de vida, representa esse projeto. Mas se não intencionava tornar sua trajetória em livro, o seu arquivo pessoal não deixa de atestar uma *escrita de si*. A forma com que o Acervo é organizado é o resultado final de um trabalho que se deu *a posteriori* da morte da personagem. Porém, o material sugere o que Virgínius considerava importante de ser preservado e que ajudaria na perpetuação de sua imagem. O arquivo pessoal organizado é o indício principal para entender como essa personagem se enxergava e que história construiu para si.

Essa imagem é prioritariamente a do intelectual. A maior da parte da correspondência arquivada foi fruto de troca com sujeitos do campo de produção cultural. Organizou em recortes os artigos publicados, os seus textos e livros, bem como os manuscritos. A imagem do homem que tinha na escrita uma prática de vida aparece em pedaços de papéis e onde mais pudesse escrever. São rascunhos de poemas, ideias para refletir, fichamentos, esboços de análises. Algumas foram para a máquina de escrever, outras continuaram em folhas e pedaços de papéis avulsos.

A outra face pela qual Virgínius ficou conhecido, e se fez conhecer, foi a do boêmio e ela também se faz presente no seu arquivo. A memória boêmia aparece em bilhetes recebidos depois de algum dia ou noite dedicados aos bares e nas fotografias nos bares e em festas particulares ao lado de amigos. Grande parte do acervo fotográfico é composta por fotografias dessa natureza. Nelas vemos Virgínius na Churrascaria Bambu, no Cassino da Lagoa, acompanhado por intelectuais, boêmios e autoridades, ou sozinho à mesa.

Figura 2 – Fotografia de Virgínius no Cassino da Lagoa.



Fonte: Acervo VGM/FCJA. Sem data.

Há, inclusive, monóculos com fotografias de momentos vivenciados nos bares, indicando que tais registros da boemia tinham um significado diferenciado em relação à maior parte do acervo fotográfico, possivelmente eram parte de um acervo mais íntimo. Eram capturas espontâneas de momentos de lazer, onde a imagem do sujeito é despojada de qualquer formalidade e aparecem, no acervo fotográfico organizado após a sua morte, como uma fissura em meio aos registros de eventos acadêmicos e encontros oficiais com autoridades e personalidades nacionais. Porém, contribuem na representação da boemia

atrelada à intelectualidade, pois os registros representam as redes de sociabilidade e a vivência dos agentes, que era central na autoimagem do campo de produção cultural.

Inclusive, ajuda a compreender a construção de sua autorrepresentação enquanto boêmio, visto que, como coloca Seigel (1992), uma das formas de compreender esses sujeitos e caracterizá-los, é percebendo a forma como estes se constroem e vivenciam esse estilo de vida. E, assim, percebendo como essas fissuras aparentes entre os papéis sociais foram centrais em sua trajetória, a despeito dos discursos que viam nas bebedeiras e na vida noturna um comportamento que obliterava a biografia da personagem. Além do que, muito da sua produção e dos projetos em que se envolveu tiveram a mesa do bar como local central para discussão de ideias.

Tanto a prática autobiográfica, quanto a escrita biográfica por parte de outro autor, tende a cair na chamada “ilusão biográfica”. Atentar para a *escrita de si* permite perceber como um sujeito, ao produzir uma autoimagem, procurando dar um sentido coerente e uno à própria história de vida, é, na verdade, um sujeito múltiplo. Em todas as fases da vida Virgínius buscou esse sentido coerente, apresentando uma imagem oficial de acordo com as circunstâncias e buscando ajustar a imagem do intelectual com a do boêmio, do homem maduro, com a do “novo valor”. É a partir do entendimento da categoria *escrita de si*, que é possível decompor o seu discurso e perceber como a construção de sua autoimagem sofre alterações ao longo de sua trajetória, bem como num mesmo período de tempo, e como o sujeito buscou lidar com as confluências de sentimentos em relação ao seu passado/presente e expectativas de futuro. Como propõe Gomes:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o ‘grande’ homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. (GOMES, 2004, p. 13)

A *escrita de si* atesta uma identidade, testemunha uma alteridade, além de ser um espaço de uma interlocução interna do sujeito. Esse processo da construção de uma

autoimagem e de uma biografia pública oficial revela o olhar de Virgínius da Gama e Melo sobre si. Como também ajuda a compreender a sua relação com o campo de produção cultural, os lugares que ocupou, quais olhares e leituras esperava de seus pares e a dinâmica do campo na promoção de seus bens e de seus agentes e as redes que estes compunham.

Virgínius da Gama e Melo poucas vezes fez referência à sua boemia publicamente, em seus textos. Era uma faceta que ficava restrita aos registros mais íntimos, mesmo que a vivência fosse pública, nos bares da cidade, o que o tornou um dos boêmios mais conhecidos de João Pessoa, assim como foi nos tempos de Recife. No dia 2 de abril de 1972, com 49 anos, iniciou uma nova experiência jornalística e literária, publicando a coluna *Ponto de Vista*, no jornal paraibano *O Norte*. O contrato de trabalho com a S.A. O Norte, assinado no dia 1 de abril de 1972, constava o cargo de Redator. Nesse jornal passou a publicar crônicas, quase diariamente, colocando-se de forma mais pessoal e subjetiva publicamente, abrindo espaço para falar da boemia, dos amigos e da saúde.

Desde sua adolescência enfrentou problemas de saúde. Internou-se pela primeira vez aos 15 anos com problemas respiratórios. No final da década de 1950, devido um resfriado, precisou ser internado para tratar uma tuberculose pulmonar. Durante o tratamento no Hospital do Sancho perdeu um pulmão. Foi transferido para a Paraíba, onde permaneceu em tratamento no Hospital Clementino Fraga e, ao receber alta, resolveu permanecer na cidade de João Pessoa.

Dessa fase mais calcinante de sua vida guardou apenas um ex-voto como lembrança do “retiro” no Hospital Clementino Fraga (ANÔNIMO, Ex-voto, 18 ago. 1958, João Pessoa). Foi o único vestígio material que ficou e que o remetia diretamente a esses episódios de sua vida. Já as cartas que recebeu durante o ano de 1959, indicam que se limitava a responder aos seus sobre seu estado de saúde e sua recuperação quando estes o indagavam sobre o tema. Poucas vezes mencionava os fatos que o levou ao internamento, mas creditava aos excessos, os “erros” cometidos, como chegou a mencionar na carta à Gilberto Amado. Mas em muitas das crônicas da coluna, Virgínius passava a se lamentar não poder se fazer frequente nas mesas de bares com seus amigos, demonstrando o vazio que isso lhe causava, mas que encontrava na escrita uma forma de manter a relação com esses boêmios.

Nas crônicas da coluna *Ponto de Vista*, em meio às ironias e às críticas sempre recorrentes, percebe-se um memorialista, que se lamenta das transformações na cidade, tanto no seu aspecto físico, quanto nos eventos com os quais possuía alguma ligação afetiva, como a Festa das Neves – evento em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves.

Na crônica *A cidade pela mão*, o autor faz menção a não poder participar da Festa por conta do reumatismo. Era um momento de reflexão, de pensar no seu passado e trazer novamente as lembranças da infância, que o ligava à cidade. Escreveu: “e o que recordo da Festa – a laranja cravo e a raiva. O que fica são as coisas da infância. De modo que a Festa, para mim, é raiva e laranja cravo. Daí por diante, avançando no tempo, é cana. Quer dizer, bebida. Mas bebida, afinal, é coisa de todo mundo” (A CIDADE PELA..., 7 de agosto de 1974, p. 4).

Percebe-se que a bebida era tomada, entre outras coisas, como uma suplência simples para carências pessoais. Bem como, a bebedeira era uma expressão externa para contrariar as medidas da vida burguesa, como coloca Siegel (1992).

Na crônica intitulada *Chama eterna*, lamentava-se do seu estado de saúde e das mudanças almejadas e que não ocorreram, deixando a entender que dedicou muito trabalho à cultura e à cidade, mas nada mudou. Dizia:

Retorno [de viagem feita à Paris]. Ainda com um pouco de neve, um pouco de ranço do outro lado. Uma preguiça gostosa. Não há coisa melhor do que a preguiça. A verdade – precisamos conferir mais dignidade à preguiça.

A prova que não adianta trabalhar a vida toda está em que nada muda. Nada muda mesmo. A única coisa que muda, efetivamente, é o corpo. Muda com os anos, vai perdendo as faculdades com os tempos. O resto, não é tudo a mesma coisa.

Aliás o corpo muda, realmente, apenas em cidade pequena. Em cidade grande, o corpo não muda.

Em cidade pequena, todo mundo nos compara com o que fomos. E observa que estamos engordando, baixando a cabeça, os cabelos pintando, os dentes caindo, a pele enrugando, as mãos criando veias e pintas.

Em cidade grande, a coisa é diferente. Andamos pelas ruas e somos para a grande maioria aquela criatura que estamos vendo pela primeira vez. E a primeira vez não tem idade. É o encontro, a aventura, às vezes a graça, a paixão. (CHAMA ETERNA..., 7 de março de 1974, p. 4)

A sua condição de saúde o levou a ficar mais recluso no início dos anos 1970, e era evidente o incômodo em não poder vivenciar a boemia como em outros tempos. Mas nessas

crônicas também afirmava a sua condição de intelectual bem relacionado, porém, despojava-se dos rigores da crítica literária ou das biografias oficiais.

Ao olhar para si, nessa fase da vida, ele percebia como as transformações que se operam no corpo e na mente muitas vezes não são bem aceitas. Porém, algumas coisas não mudavam na província, e isso era matéria de incômodo para ele, que se via como um agente que muito fez pela cultura local. Esse “choque temporal” era próprio da busca do sujeito em se entender naquele momento delicado. O desconforto com as mudanças e permanências faziam aflorar vários sentimentos.

Virgínius da Gama e Melo fazia um retrato de si que ajuda a entender o sujeito em cada fase de sua trajetória, percebendo as suas transformações físicas e psicológicas e a sua relação com o campo de produção cultural, mais que a própria história de vida narrada pelo sujeito. Porém, a sua autoimagem produziu subsídios que foram apropriados por diversos sujeitos que empreenderam a tentativa de construir perfis dessa personagem. Tais perfis ajudam não só a entender o próprio Virgínius, mas o próprio campo, seus agentes, em especial aqueles que construíram representações sobre ele, e o processo de consagração do intelectual. Processo esse que se deu em vida e não seu cessou após a sua morte. Pelo contrário, com a morte de Virgínius da Gama e Melo outras páginas da história da sua vida começaram a ser escritas.

Em vida, Virgínius procurou construir e projetar uma autoimagem oficial para a o campo de produção cultural, para a sociedade como um todo e para a posteridade. Entende-se que, na busca dos sujeitos em projetar uma imagem, há a necessidade de fazê-la coesa, que atenda aos anseios pessoais e sociais. Porém, compreende-se também que tal busca recai numa ilusão. A busca pela autobiografia cronologicamente coerente e sem contradições é perpassada por escolhas e censuras. Lançar um olhar crítico sobre essas autorrepresentações permite compreender melhor os sujeitos e suas multiplicidades.

Virgínius da Gama e Melo dedicou parte de sua trajetória a fazer o seu nome ser reconhecido, perpassando, inclusive, as questões mais pessoais e íntimas. Vivenciou os louros da consagração, mas não sem os percalços advindos dos embates próprios de um campo marcado por disputas. Seu nome passou a ser envolto por um simbolismo e toda uma carga de representações.

Edson Gonçalves, apresentando o número referente à Virgínius da Gama e Melo, da coleção “Paraíba Nomes do Século”, dá a tônica que perpassa as obras que buscaram traçar um perfil biográfico do escritor: “Natural que a vida intelectual o arrebatasse, mesmo sem as seduções dos generosos honorários advocatícios. Teria que ser, o que foi: um Escritor. Como tal, foi consagrado, aqui e alhures. E é dessa glória que ainda se alimenta sua Memória” (2000, p. 8). É uma constante nas obras de cunho biográfico, bem como nas notas póstumas que apareceram nos jornais após a sua morte, a descrição de um homem que, “com sua capacidade intelectual, atuava em vários campos da cultura e das artes: jornalista militante, romancista, teatrólogo, crítico e consultor literário, ensaísta e cineasta (ANDRADE, 1991, p. 11).

A imagem mais recorrente associada à Virgínius da Gama e Melo era a do *menestrel*. Era um tratamento afetivo e que marcou sua trajetória. Waldemar Duarte, em sua biografia sobre o escritor, trás a imagem que perpassa as representações em torno de Virgínius e explica como, possivelmente, essa imagem de menestrel surgiu:

“Virgínius da Gama e MELO, o intelectual mais badalado, em todos os tempos, que a Paraíba possui, recebeu há poucos anos passados a carinhosa alcunha de **Menestrel**. Esse **nick-name**, de feliz aplicação, foi de autoria (se a memória não me falha) do jornalista Gonzaga Rodrigues, um dos dedicados amigos e admiradores de Virgínius. A verdade é que o **apelido** pegou (seja Gonzaga Rodrigues, Natanael Alves ou Ipojuca Pontes) e pegou para ficar. Sempre que alguém a ele se referia não esquecia de lhe dar o tratamento afetivo – de amizade, carinho e admiração. (...)Essa alcunha de Menestrel, pespegada incondicionalmente, simbolizava a intenção carinhosa do tratamento mais lisonjeiro. Não sabemos, no entanto, do ponto de vista semântico ou mesmo literário, qual fora a intenção do seu autor”. (1987, p. 5)

À imagem do “intelectual nato” associava-se ao de menestrel e boêmio. Um homem das letras que sempre era encontrado em bares discutindo literatura, tomando cerveja e fumando cigarro. E ao seu redor admiradores, seguidores e outros intelectuais. A boemia é um dos traços marcantes do seu perfil construído por amigos, familiares e biógrafos, e desperta diversas leituras. Para Rodrigues e Coutinho, o escritor era “de hábitos boêmios, fumante fervoroso e bebedor muitas vezes incoerente, incorrigível, era uma pessoa assediada por todos em João Pessoas e mantinha relações de amizade em todas as classes sociais” (2000, p. 32).

Os seus hábitos boêmios são apresentados hora, como traços intrínsecos de sua personalidade e precursores de episódios centrais de sua vida, como no final da década de 1950, quando esteve recluso para tratamento de uma pneumonia fruto de seus hábitos de fumante e que serviu para se dedicar a estudos, hora como motivos para abordar eventos anedóticos envolvendo seu nome, como narrativas sobre possíveis episódios de embriaguez.

Muitas das falas encontradas evidenciam um conflito e parecem encarar como faces antagônicas o caráter intelectual e boêmio do sujeito. Porém, o caminho a ser percorrido não é procurar qual a face prevaleceu no sujeito Virgínius. As representações (CHARTIER, 1990) sobre o escritor muito mais que comunicar quem foi Virgínius da Gama e Melo, dizem muito sobre os sujeitos que constroem essas representações e os sentimentos que o escritor despertou sobre elas. Assim, como é central no percurso de entender as (auto)biografias, analisar os interesses em torno dessas construções, a de perpetuar uma memória histórica do sujeito e, a partir desse entendimento, observar de onde partem essas construções, se de um amigo de redação, colega de universidade, amigo de bares, familiar, ou representante de instituições. Tanto a busca pela “unidade do eu”, de uma identidade, quanto o que aparece como conflituoso para os sujeitos e suas representações sobre Virgínius é tomado como matéria central na decomposição do seu perfil biográfico.

### **Considerações finais**

A compreensão do nome de Virgínius da Gama e Melo passa pela compreensão da própria fragmentação experimentada ao longo da vida e expressa numa escrita de si, como pela análise das representações em torno do sujeito e que, possivelmente, contribuíram para uma busca de unidade na “produção do eu” quando as experimentou em vida, e a apreensão das representações que vieram postumamente.

Como discutido, a busca de unidade, tanto na escrita de si, quanto nas memórias e perfis biográficos, revelam a multiplicidade do destino do escritor e as múltiplas temporalidades por ele experimentadas. Quanto à escrita de si, Gomes coloca que os diversos tempos de escrita, e que, no caso, podemos tomar como o tempo do bar e o tempo do

escritório, só para ficarmos em duas facetas discutidas sobre as representações em torno de Virgínius.

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. (2004, p. 13)

Texto e personagem se encontram na escrita de si. As representações em torno de Virgínius o constroem, como também constroem os seus autores (amigos, familiares, admiradores, desafetos) e possibilitam reconstruir as redes de relações sociais nas quais o escritor estava inserido. É nessa trama que é possível reconstruir a trajetória de Virgínius da Gama e Melo no cenário cultural paraibano, atentando, principalmente, para o seu percurso dentro do campo de produção cultural, mais especificamente no campo intelectual, no qual alcançou reconhecimento e lugar central.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. **Virgínius Figueiredo da Gama e Melo: Perfil Biobibliográfico**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1991.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

BONAFÉ, Luigi. **Como se faz um herói republicano: Joaquim Nabuco e a República**. Tese (Doutorado em História) – PPGH, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2008.

BOURDIEU, Pierre. “Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe”. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p.183-202.

CHARTIER, Roger. **História Cultural – Entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

DUARTE, Waldemar. **O menestrel Virgínius da Gama e Melo**. João Pessoa: Editora A União, 1987.

FARGE, Arlett. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org). **Escrita de Si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 195-221.

MELO, Virgínius da Gama e. [Carta] 18 jan. 1961, João Pessoa [para] AMADO, Gilberto. Nova Iorque. 4f. p. 2

\_\_\_\_\_. Literatura e vida. **A União**, João Pessoa, p. 6, 24 jul. 1964.

RODRIGUES, José Edmilson; COUTINHO, Maria de Fátima. **Paraíba** – Nomes do século – Virgínius da Gama e Melo. João Pessoa: Editora A União, 2000.

SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia**. Cultura, Política e os limites da vida burguesa. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SIRINELLI, Jean-Fraçois. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.